

A crítica de John Searle a Thomas Kuhn e a refutação a sua acusação de antirrealismo na obra kuhniana

John Searle's criticism of Thomas Kuhn and the refutation of his accusation of anti-realism in Kuhn's work

FRANCIDILSO SILVA NASCIMENTO¹

Resumo: A crítica de John Searle fez a Thomas Kuhn se desenvolve em dois momentos: primeiro, em relação ao argumento da história da ciência, de que essa se desenvolve de modo não cumulativo como apresentou a perspectiva neopositivista, mas através de revoluções que manifestam um novo mundo no qual os cientistas trabalham; e, segundo, a subdeterminação das teorias pelos dados, onde os dados devem corresponder à verdade da teoria que se apresenta sobre determinado realidade no mundo real. Esses dois argumentos críticos de Searle em relação a Thomas Kuhn, fez-nos reelaborar a posição de uma refutação recorrendo alguns escritos dele onde ele mesmo reconhece que as críticas feitas são frutos de uma má interpretação dos seus escritos. Assim, a defesa de Thomas Kuhn se dá pela recusa de que a mudança de mundo, realizado pela mudança de um paradigma, não seria uma mudança do mundo real que permanece sempre o mesmo. E, por fim, que a influência dos dados em relação às teorias não seria uma relação contrária a busca de uma correspondência no mundo real e, do mesmo modo, do mundo real a uma teoria.

Palavras-chave: Antirrealismo. John Searle. Thomas Kuhn.

Abstract: John Searle's critique of Thomas Kuhn develops in two moments: first, in relation to the argument of the history of science, that it develops in a non-cumulative way as presented by the neopositivist perspective, but through revolutions that manifest a the new world in which scientists work; and, second, the underdetermination of theories by data, where the data must correspond to the truth of the theory that presents itself on a given reality in the real world. These two critical arguments of Searle in relation to Thomas Kuhn have made us rework the position of a refutation by recourse to some of his writings where he himself acknowledges that the criticisms made are the fruit of a misinterpretation of his writings. Thus, the defense of Thomas Kuhn is given by the refusal that the change of world, realized by the change of a paradigm, would not be a change of the real world that always remains the same. And, finally, that the influence of the data on the theories would not be a relation contrary to the search for a correspondence in the real world and, likewise, from the real world to a theory.

Keywords: Anti realism. John Searle. Thomas Kuhn.

John Searle² (1932) apresenta no texto sobre a *Metafísica básica: realidade e verdade* (2000, pp. 11-43) uma crítica à posição de Thomas Kuhn (1922-1996) em sua

¹ Mestrando em Filosofia. Área de Concentração em Epistemologia e Filosofia da Ciência. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal do Piauí. E-mail: dilsosilva@hotmail.com

² Cf. (D'AGOSTINI, 2003, p. 339s) John Searle (1932) é um norte-americano, discípulo de Austin e Grice, introduziu na teoria dos atos linguísticos um espírito sistemático e classificador, que era estranho tanto a Wittgenstein como a Austin, e que aproximou notadamente a indagação filosófica dos comum-linguistas à linguística.

filosofia da ciência através da qual, segundo Searle, a ciência estaria corrompida pela arbitrariedade e pela irracionalidade; além disso, aponta que a revolução científica que acontece ao longo do processo de progresso científico não apenas descreve uma mesma realidade (compreendida por ele por posição-padrão), mas apresenta uma nova realidade. Com isso, Searle coloca o pensamento de Kuhn dentro de uma perspectiva antirrealista. Nesse trabalho, propomo-nos averiguar até que ponto existe coerência na posição apresentada por Searle e qual a perspectiva apresentada por Kuhn e seus comentadores sobre um possível realismo em sua filosofia.

Searle declara aceitar a visão iluminista, compreendida como herdeira da virada antropocêntrica do século XVII, a Revolução Copernicana, até meados do século XX, onde todas as coisas eram explicadas pela razão humana, assim a compreensão que se tinha era que seríamos capazes de compreender o universo de modo inteligível e ter um entendimento sistemático da natureza (SEARLE, 2000, p. 11). Além disso, prevalece nessa mesma sociedade o dualismo cartesiano em que a composição do mundo se daria em dois reinos o metafísico e o físico, por meio do qual cada um se justificaria por si mesmo.

Essa visão iluminista, aceita por Searle, foi profundamente marcada por alguns desafios entre os quais se destacam a Primeira Guerra Mundial que abalou profundamente a vida das pessoas em seu tempo, porém além desse acontecimento histórico se destacam os desafios intelectuais que foram: a teoria da relatividade, que ameaçou a concepção de tempo e espaço, matéria e energia; o paradoxo da teoria dos conjuntos, que parecia colocar em crise a racionalidade da matemática; a prova da incompletude, verdades matemáticas que todos podem ver que são verdadeiras, mas dentro desses sistemas não se podem provar verdadeiras; a mecânica quântica e a sua maneira de demonstrar que possivelmente a realidade física é indeterminada e a observação do sujeito que observa cria a nova realidade que observa; a ciência e o seu corrompimento pela arbitrariedade e pela irracionalidade (SEARLE, 2000, p. 13).

Com tudo, deter-nos-emos nas duas críticas feitas por Searle a concepção de Thomas Kuhn contraria a sua posição em relação a realismo externo. A primeira em relação ao argumento da história da ciência, e, segundo, a subdeterminação das teorias pelos dados, onde os dados devem corresponder à verdade da teoria que se apresenta sobre determinada realidade no mundo real.

Assim, a primeira crítica apresentada por Searle, funda-se na necessidade de corroborar sua convicção na sua posição-padrão que seria como que a moldura que enquadra o pano de fundo da sua teoria que estar disposta da seguinte forma:

- Há um mundo real que existe independente de nós, independente de nossas experiências, pensamentos, linguagem;
- Temos acesso perceptivo direto a esse mundo por meio de nossos sentidos, especialmente o tato e a visão;

- As palavras de nossa linguagem, palavras como coelho ou árvore, têm em geral significados razoavelmente claros. Por causa de seus significados, podem ser usadas para nos referirmos aos objetos reais do mundo e para falarmos sobre eles;
- A causalidade é uma relação real entre objetos e estados de coisas no mundo, uma relação pela qual um fenômeno, a causa, provoca o outro, o efeito. (SEARLE, 2000, p.18).

Por isso, a crítica de Searle a Kuhn se dar pelo fato de que segundo a concepção de Kuhn, na obra *A Estrutura das Revoluções Científicas*, ele afirmar: “[...] embora o mundo não mude com uma mudança de paradigma, depois dela o cientista trabalha em um mundo diferente.” (2017a, p. 214) Aqui, podemos destacar no primeiro instante que Searle, mesmo não acreditando que o Thomas Kuhn tenha aceitado o argumento antirrealista, mas toma essa passagem do seu livro como um “indício” de uma posição contrária ao realismo, pois a ideia de Kuhn é que a ciência progride em uma constante revolução que se dar pelo abandono de um paradigma e a aceitação de um novo que corresponda as exigências do mundo em que se estar trabalhando e não por meio de um acúmulo de acontecimentos como fazia a ciência positiva ou neopositiva. Escreve o filósofo: “Kuhn é lembrado por ter dito que uma revolução científica importante não é apenas uma nova descrição da mesma realidade, mas que ela cria uma ‘realidade’ diferente” (SEARLE, 2000, p. 13).

Na defesa da sua concepção Searle afirma: “não acredito que vivemos em dois mundos, o mental e o físico – e menos ainda em três mundos, o mental, o físico e o cultural -, mas sim em um só mundo [...]” (SEARLE, 2000, p. 15). Além disso, a constatação a não aceitação dessa concepção de um único mundo, segundo ele, está na nossa vontade de dominação, de controle, e aumentou devido ao ressentimento por causa das ciências naturais. Como diz:

A motivação profunda para a negação do realismo não é este ou aquele argumento, mas uma vontade de potência, um desejo de controle, e um ressentimento profundo e duradouro. Esse ressentimento tem uma longa história, e aumentou no final do século XX devido a um grande ressentimento e ódio em relação às ciências naturais. A ciência, com seu prestígio, seu aparente progresso, seu poder, seu dinheiro e sua enorme capacidade para fazer o mal, se tornou alvo de ódio e ressentimento (SEARLE, 2000, p. 39).

Toda essa motivação pessimista em relação a ciência, Searle, atribui a Kuhn e Feyereabend a responsabilidade de ter alimentado o ressentimento e desmistificado a ciência. Quando afirma: “[...] a eles se atribui o fato de terem mostrado que a ciência não nos fornece um conhecimento objetivo de uma realidade independente, mas, pelo contrário, é uma série de interpretações verbais mais ou menos irracionais. [...]” (SEARLE, 2000, p. 39) Com isso, o que temos é uma desconfiança em relação

filosofia kuhniana, pois “depois de dizer que a ciência não nos fornece um conhecimento objetivo da realidade, o próximo passo é dizer que não existe tal realidade.” (SEARLE, 2000, p.40)

A segunda crítica está relacionada às teorias serem influenciadas pelos dados. Os dados, segundo essa crítica de Searle, são quem subdetermina as teorias, pois essas teorias devem se ajustar as provas disponíveis para a comprovação da teoria. Aqui se destaca que a verdade não é absoluta, mas seria uma maneira que se adota para falar por razões práticas. Assim, Searle, relata que “se a verdade é supostamente uma relação de correspondência a uma realidade independente da mente, então não existe verdade, porque não existe tal realidade, e, portanto, nenhuma relação de correspondência” (SEARLE, 2000, p. 32).

Nesse contexto, a escolha de teorias não prova que existe uma realidade independente; “pelo contrário, o debate só é inteligível para nós se partimos do pressuposto de que tal realidade *existe*.” (SEARLE, 2000, p. 32) O que se diz é que só tem sentido falar de algo dentro do mundo real, porém a existência de determinada coisa no mundo independe da escolha que fazendo, pois ela está no mundo muito antes de se pensar em escolher qual teoria se encaixaria para explicar essa realidade. O que temos aqui é, também, a questão dos elementos materiais inobserváveis com elétrons, prótons, vírus, entre outras, realidade que não são captadas pelos sentidos, mas existem, são reais. “Sem dúvidas, mas nem por isso, a existência dos elétrons, de Zeus ou de Atena depende de nós. O que depende de nós é aceitarmos ou rejeitamos a teoria que afirma que eles existem.” (SEARLE, 2000, p. 33)

Depois de fazemos esse caminho de reconstrução do pensamento de Searle e das suas críticas feitas a um suposto antirrealismo de Thomas Kuhn, onde abordaremos os passos de uma construção de um realismo, porém não um realismo rigoroso, mas um realismo sofisticado onde se leva em conta a expressão fenomênica do objeto e a intencionalidade do sujeito.

Diante do argumento de uma mudança de mundo e a perspectiva de que o significado, ou melhor o léxico utilizado nesse mundo tem que ser apreendido para os sujeitos vivam nesse mundo. Assim, a concepção de uma ciência que progride de modo a acumular, desconsidera a dimensão história do processo de desenvolvimento da ciência. “Talvez a ciência não se desenvolva pela acumulação de descobertas e invenções individuais” (KUHN, 2017a, p. 61).

A grande refutação de Thomas Kuhn é que não desconfia da existência do mundo real (meio ambiente), pois mesmo com uma nova visão do mundo real isso não exime o cientista a uma concepção da existência real do mundo, como ele mesmo diz: “Não importa o que o cientista possa então ver, após a revolução o cientista ainda está olhando para o mesmo mundo” (KUHN, 2017a, p. 224).

Günther (2014, p. 56) manifesta a concepção apresentado por Hoyningen-Huene (1976) em sua leitura kantiana da concepção da obra de Kuhn, dizendo que poderia ser compreendido o termo mundo em dois sentidos: primeiro, como mundo fenomênico, e segundo, mundo-em-si. No primeiro sentido, é o mundo em que o cientista trabalha e vive, pensa e fala através de juízos e relatos que dependem de um paradigma. “O segundo sentido de ‘mundo’ se refere a algo que não se altera com uma revolução científica. [...] Isso ocorre devido aos paradigmas constituírem o mundo (no primeiro sentido) em conjunto com a natureza (no segundo sentido).” Porém, Hoyningen-Huene coloca sempre a linguagem como mediadora, como que “lentes” para a apreensão da realidade externa ou mundo real, pois mudando o mundo muda-se também a linguagem. É perceptível ainda que nesse aspecto se destaca a passagem de um acesso a compreensão do mundo não mais por meio de uma visão psicológica de *Gestalt*, mas passa-se a um contato pelo léxico que se adquire pela formação ou uma reeducação nesse novo mundo fenomenológico.

Ian Hacking (1936) ao lidar com a mudança de mundo em um novo mundo apresentado por Kuhn. Na visão de Günther, Hacking defende que “o mundo é composto por indivíduos. Não existe qualquer classe, tipo, universais anteriores aos indivíduos. Graças a natureza os indivíduos se distinguem entre si, contudo, não há tipos metafísicos para além dos indivíduos” (2014, p. 73). A partir daqui Günther defende dois sentidos para o termo mundo: o primeiro, o mundo composto por indivíduos que não muda com uma mudança de paradigma; segundo, o mundo no qual os cientistas trabalham que é um mundo formado por diversos indivíduos. Porém essa defesa que Ian Hacking faz de um certo realismo na teoria kuhniana não é aceita pelo próprio Kuhn, por que a concepção de indivíduos não poderá ser ampliada para todos os fenômenos presentes no mundo (KUHN, 2017b, p. 280).

Mesmo o próprio John Searle, em outro texto *Racionalidade e realismo: o que está em jogo?* (1999), reafirma que essa interpretação de uma mudança de mundo como a não existência de uma realidade objetiva é uma caricatura de Thomas Kuhn, ou seja, uma apresentação defeituosa da concepção kuhniana. Diz Searle (1999, p. 24):

[...] Mesmo que fosse uma interpretação correta, o argumento não mostraria que não existe um mundo real independente das nossas representações, nem mostraria que a ciência não é uma série de tentativas sistemáticas, com vários graus de sucesso, de apresentar uma descrição dessa realidade. Mesmo que aceitemos a interpretação mais ingênua do tratamento que Kuhn oferece das revoluções científicas, as ideias de Kuhn não terão tais espectaculares consequências ontológicas. Pelo contrário, mesmo a interpretação mais pessimista da história da ciência é perfeitamente consistente com a perspectiva de que há um mundo real que existe independentemente de nós e de que o objectivo da ciência é caracterizá-lo.

A segunda a crítica apresentada por Searle a Kuhn em relação os dados seres influenciadores das teorias de certa forma não contradiz em nada a relação da realidade exterior com a realidade, como afirma o próprio Kuhn:

Quando mudanças referenciais desse tipo acompanham mudanças de lei ou de teoria, o desenvolvimento científico não pode ser inteiramente cumulativo. Não se pode passar do velho ao novo simplesmente por um acréscimo ao que já era conhecido. Nem se pode descrever inteiramente o novo no vocabulário do velho ou vice-versa. (2017b, p. 25)

Essa nova descrição a partir de um novo léxico se dá pela mudança que a nova teoria traz para a explicação dos dados no mundo real. Assim, Thomas Kuhn ressalta que existem algumas interpretações equivocadas de sua argumentação de que “a natureza sem dúvida responde às predisposições teóricas com que é abordada pelo cientista que efetua as medições. Mas isso não é o mesmo que dizer que a natureza responderá a toda e qualquer teoria ou que sua resposta será formidável.” (2011, p. 217) Essa posição de Kuhn lança-nos em uma posição de reconhecer que o mundo real independe de uma rigorosa correspondência entre o dado e a teoria, porém a teoria deve força à natureza (mundo real) responder aqui que se pretende alcançar através de um axioma feito para explicar de modo compreensivo a realidade externa.

No entanto, insiste Kuhn que a teoria é importante para uma compreensão das ciências naturais, mas pode ter sido mal entendido possivelmente pelo fato de alguns interpretarem que ele insinuou que a teoria tem sempre o papel de conduzir a experimentação. Ele refuta essa acusação dizendo:

A teoria só exhibe esse caráter direcionador decisivo porque uma comparação quantitativa significativa entre teorias e a natureza ocorre num estágio muito avançado no desenvolvimento de uma ciência. Se estivéssemos discutindo a experimentação *qualitativa* que predomina nos estágios iniciais do desenvolvimento de uma ciência física, e que continua depois a ter um papel a cumprir, o equilíbrio seria bem diferente. Talvez nem assim estivéssemos propensos a dizer o que o experimento é anterior à teoria (ainda que a experiência seguramente o seja), mas sem dúvida encontraríamos muito mais simetria e continuidade no diálogo permanente entre ambas (KUHN, 2011, p. 218).

A crítica que Searle faz é uma maneira de reforçar a visão iluminista que ele defende, mas ainda aprofundando a sua posição-padrão que se reafirma a existência de uma realidade externa e que, por isso, acusa tanto Kuhn como Feyerabend de terem assumido uma posição de irracional, além disso existe um pensamento pessimista e um ressentimento em relação a ciência, porém tudo isso para Searle não é de nenhum modo uma maneira de recusar o mundo real. Justamente, a acusação que Searle faz a Kuhn é que não reconhece uma realidade real como um

princípio que permanece mesmo diante da relatividade presente no seu pensamento.

No entanto, o que vimos é que Thomas Kuhn em seus escritos reafirma a permanência do mundo real sempre que mude a visão de mundo como também o léxico que dar acesso ao mundo. Para tanto, essa visão distorcida do seu pensamento é causada pelo próprio Kuhn, pois ele mesmo “deu espaço para essas críticas, ele é o próprio culpado por ter tido sido interpretado de tal modo.” (TOZZINI, 2011, p. 71) Por isso, mesmo visitando os escritos de Thomas Kuhn vemos que o seu pensamento manifesta uma confusão. Thomas Kuhn é um filósofo que apresenta uma visão de um mundo fenomenológico que possui diversas possibilidades de acesso, não simplesmente um mundo fenomenológico.

Referências

- D'AGOSTINI, F. *Analíticos e continentais: guia à filosofia dos últimos trinta anos*. Tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- GÜNTHER, A. B. *Mudança de Mundo em Thomas Kuhn*. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- KUHN, T. *A tensão e essencial*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- _____. *A estrutura das revoluções científicas*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017a.
- _____. *O caminho desde a Estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica*. Traduzido por Cesar A. Mortari. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017b.
- SEARLE, J. R. *Mente, Linguagem e Sociedade: Filosofia no mundo real*. Tradução de F. Rangel. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. Racionalidade e realismo: o que está em jogo?. Tradução de Desidério Murcho. *Disputatio*, vol. 7, nov. 1999. pp. 3-27. Disponível em: <<http://www.disputatio.letras.ulisboa.pt/wp-content/uploads/1999/11/007-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- TOZZINI, D. L. *Objetividade e Racionalidade na Filosofia da Ciência de Thomas Kuhn*. 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2011.

Submissão: 02. 08. 2019 / Aceite: 15. 12. 2019